

# O ECHO DO RIO,

## Jornal Politico e Litterario.

Parcite verbis.

HORAT. AD ROM.

Publica-se as quartas feiras e sabbados, na typ. Imparcial de F. de Paula Brito, praça da Constituição n. 64, onde se subscreve a 4000 réis por semestre, pagos adiantados, e vendem-se numeros avulsos a 80 réis, nas lojas do costume.

### O ECHO DO RIO.

Finalmente estão encerradas as camaras : depois de dez mezes de sessão : e o Sr. Feijó não foi julgado. Esse homem, que folga no meio da desordem, cujo elemento é a desordem, que pareceu fazer alguns serviços no tempo da desordem, que quando no poder promoveu a desordem, e que fora do poder promoveu ainda a desordem : esse homem sequioso de mando, porem mando absoluto, mando sem partilha, e que por isso commetteu para com a nação o crime de largar a regencia em 1837, e para seu partido essa grande falta, depois de ter procurado dissolver a camara dos deputados : esse homem que sahido das ultimas classes sociaes, chegou ás primeiras sem verdadeiro conhecimento ; esse homem que affagado pelo monarcha, condecorado com uma grão-cruz, logo que se abriu o cofre das graças, não duvidou erguer-se contra as prerogativas do monarcha : esse homem, em cujo julgamento a nação tinha fitos os olhos, não foi julgado pelo senado, pela camara de seus pares, apezar de elle mesmo a cada momento em particular e em publico, de palavra e por escripto confessar o seu crime !

O senado, com pizar o dizemos, mas todos o sabem, em dez mezes de sessão, não pôde julgar o Sr. Feijó, deixando-se miseravelmente burlar por elle !

O nobre senador, ex-regente tem uma molestia de encomenda ; e quando em 1841 teve de tramar os horrorosos feitos, com que depois foram inundadas de sangue duas provincias, teve uma molestia ; e agora que devia dar conta desses feitos, outra doença veio fazer-lhe pedir licença para se retirar. Nós o previmos e o dissemos. O fim do Sr. Feijó só era ganhar tempo ; ganhar tempo, e nada mais. E com effeito ganhou tempo ; ganhou mais alguma cousa ; ganhou que seu processo, contra todos os preceitos da sciencia, fosse demorado.

Os crimes devem ser processados logo que committidos ; qualquer demora é sempre prejudicial ao julgamento : a impressão tem passado, e em seu lugar ficam as condescendencias e contemplações ;

os rogos dos amigos, e o sentimento geral de benevolencia no coração humano. O Sr. Feijó carecia de despertar tudo isso ; e por isso lhe foi precisa a demora do processo ; e o senado o deixou partir para S. Paulo, de modo que quando foi preciso entrar em julgamento, não estava presente ; era preciso que viesse ; mas seus amigos o declararam ás bordas do tumulto, choraram-o morto ; e o senado se deixou illudir ; e o processo parou, e o Sr. Feijó vai vivendo.

A nós não illudiu elle : nesta folha por vezes o dissemos : bem entendemos quaes eram seus fins.

O Sr. Feijó não foi julgado, e o senado é altamente responsavel por esta falta. A nação carecia de um grande exemplo partido do alto. Talvez a falta desse exemplo fosse a razão bastante por que por toda a parte têm sido absolvidos os mais réos dos movimentos de Sorocaba e Barbacena. Os juizes terão pensado, e com alguma razão : se aquelle que se acha em posição elevada não é julgado : se o senado composto dos altos funcionarios do Estado, homens, que se devem todos julgar independentes, o não julgou : como serão julgados, e como julgaremos nós esses outros, que ahi se apresentam ? O Sr. Feijó alto e bom som confessou sempre ser réo : nunca o occultou ; e não havia justiça para elle, e haverá justiça para os mais ? E com este raciocinio, que não é verdadeiro, mas que tem muito de especioso, o jury foi por ahi absolvendo.

O senado é altamente responsavel por esta falta. O nobre visconde de Olinda disse, e com muita razão : a nação tem os olhos fitos em nós : acabemos com este processo : absolvamos, ou condemnemos. Mas as vozes do nobre visconde foram perdidas ; o senado não cumpriu seu dever ; o Sr. Feijó lá se está rindo, e esperando melhores tempos, para tentar novas desordens, a fim de outra vez volver a esse poder, por que tanto suspira. Não censuramos este ou aquelle senador em particular ; não sabemos quem foi : mas desapprovamos o procedimento do senado a este respeito. Parece que teve medo ; parece que o Sr. Feijó ainda é o omnipotente ministro da justiça ; parece que ainda tinha



ahi no campo as seis mil baionetas, com que ameaçava céos e terra.

Quando os primeiros funcionarios do Estado não cumprem o seu dever, ninguém o cumpre. O Brasil já soffre bastante pela immoralidade, que lavra por todas as classes: não era preciso mais este exemplo; mas este exemplo foi terrível. O homem, a quem sobre carregado se tira algumas libras de carga, pouco aliviado fica; mas se se lhe pozem mais a mesma quantidade, terá de succumbir; terá de não dar mais um só passo. E a respeito de immoralidade, soffrerá pouco a nação?

Outra vez ainda: o senado incorreu em grave responsabilidade.

#### NEGOCIOS DO SUL.

Parece que não ha ali pessoa alguma que não conheça os embaraços, em que se tem achado e acha o Brasil, que desde 1822 ainda não tem um dia de verdadeira paz, e que tanto carece della para tratar de suas fiances e organisação. E tambem não ha pessoa alguma que não saiba qual é o estado dos nossos visinhos do sul, tanto d'aquem, como d'além do Prata. Sabem todos que sendo Oribe presidente na Cisplatina, Fructo se levantou contra elle, e em pouco tempo o expellio de Montevideo, proclamando-se elle o presidente da republica com a suspensão de todas as leis. Mas Oribe chegado a Buenos-Ayres tratou de armar-se; e depois de varios successos, acha-se hoje ás portas de Montevideo, que tem em rigoroso assedio, e demais dispõe de um numeroso exercito na campanha. A causa de Fructo está nos ultimos apuros: cada paquete nos pôde trazer noticias de seu inteiro aniquilamento, fingindo segundo se diz, planos estrategicos, tem-se approximado á nossa fronteira para a ella se acolher; e o certo é, que nosso general no Rio Grande o vigia com bastante attenção. Fructo é pois um moribundo: ao menos tudo o faz presagiar.

E não é possível, que ninguém se tenha esquecido da vida de Fructo: não é possível, que não lembre muito a traição por elle praticada com Artigas, a traição praticada com o Brasil no tempo do Sr. D. Pedro I, e uma multidão de traições mais pequeninas, que todas igualmente descobrem o homem, que com Oribe disputa a presidencia da Cisplatina.

Fructo ficou sobremaneira azedado com o Brasil em tempo do ministerio de julho, e por isso fez varios contratos e tratados com os rebeldes; ao menos assim foi dito publicamente, e não houve ninguém que o não acreditasse.

Até o ultimo momento Fructo favoreceu a causa da rebellião contra a monarchia.

Mas a hora fatal se aproxima: Fructo arroja-se á nossos pés: quer que o auxiliemos contra seus inimigos, e para este fim nos promette algumas vantagens.

Auxiliar a quem? a Fructo, que tanto auxiliou

os rebeldes? Para que? para conservar na presidencia de Montevideo um homem, interferindo assim em seus negocios internos? para ter o prazer de ter uma guerra com a republica argentina? para receber nos braços um cadaver? Tratar com Fructo, isto é, com um homem, que tantas provas tem dado de não ter fé segura?

Seria necessario que a administração do Brasil estivesse entregue a algum fatuo, que se leve só por palavras, ou algum ministerio só composto de estupidos para que houvesse quem admittisse semelhante proposição. seria necessario, que no poder se achassem os homens de julho, que facilmente se deixavam levar por tudo o que cheirava a estrondo.

O Brasil sobre tudo carece de paz com dignidade: paz a fim de sarar tão longa serie de desastres, dignidade, a fim de que não entenda o estrangeiro que nos pôde impunemente pôr o pé no pescoco. O ministerio actual já mostrou, que tem dignidade. Ahi esteve o Sr. Ellis, incumbido de fazer um tratado de commercio: e o que fez o governo? apresentou-lhe proposições preliminares, cuja decisao exigiu antes de começarem as negociações relativas ao tratado. O Sr. Ellis, que aliás confessou que tinha sido tratado com todas as attensões, que era possível ser tratado, viu repellidas *in limine* suas pretensões, não por ellas, por que essas nem o governo as examinou, mas por que se exigiu delle que accedesse a certas condições previas. O Sr. Ellis teve de retirar-se sem ultimato, sem mesmo iniciar o tratado. E assim a Inglaterra viu que não podia dispor do Brasil a seu bel prazer.

Paz quer o ministerio, e a reconhece como uma de nossas primeiras necessidades. Não iria pois carregar aos hombros com Fructo Rivera, ou quem quer que seja; não abraçaria uma causa estranha, donde com certeza lhe resultava uma guerra com uma nação, que tem tudo a ganhar e nada a perder. Se a dignidade e honra do Brasil o exigir, não haverá duvida em empenhar uma guerra com Buenos-Ayres, ou qualquer outra nação; mas por gosto seria loucura rematada. Temos que encher o deficit, que afflige nossas fiances, e não se enche com uma guerra. Temos que curar as chagas de tantos movimentos intestinos, e não é com uma guerra; que se curam. Todas as provincias ainda gotejam sangue. Por toda a parte ha paz, mesmo no Rio Grande a guerra está em seus ultimos paroxismos; mas os vestigios da guerra ainda durarão por muito tempo no Rio Grande e em todo o imperio.

Paz com dignidade. O Sr. D. Pedro II está á frente do governo: supponho que tantas ambições se não levantarão hoje. Aproveitemos esses momentos de descanso. Vigiemos a facção para que não levante a grimpã. Cuidemos de nós, e deixemos os estranhos.

#### A FACÇÃO E SUAS ALLIANÇAS.

Ao ouvir certas palavras, com que a facção todos os dias nos prega os seus sermões, certamente nada

ha mais patriótico, nem mais constitucional, do que ella: mas ao ver o desenvolvimento, que lhes esta dá, o prestigio se perde, e em vez de estadistas e politicos ficam miseraveis charlataes, mesquinhos egoistas, politicos d'agua doce; só capazes de promover a intriga, a desordem, a anarchia.

O que quer aquelle, que deixando os caminhos francos e legaes, que lhe deixou a constituição, vai seguir caminhos tortuosos, rodeios prohibidos pelo systema, apoiar-se na intriga para obter seus fins? O governo constitucional é o governo da publicidade: é diante da nação, que se conquista o poder, empregando os meios legitimos: qualquer pôde apresentar-se á nação, e mostrar-lhe os erros da administração, que de necessidade os hade ter, as consequencias desses erros, e como podiam ter sido previstos, e por consequencia evitados assim elles como as suas funestas consequencias. Ahi está a tribuna; e de certo não pôde dizer-se que nao ha liberdade, quando se lêem os discursos dos Srs. Urbano, Nunes Machado, Galvão e Pacheco na camara temporaria, e os Srs. Hollanda, Vergueiro, José Bento no senado: quando se lêem os artigos do *Pharol* e do *Nacional*: liberdade de mais haverá, mas de menos de certo que não.

E então para que recorrer á intriga? para que quer metter em combate pessoas, que estão fóra delle? Já deixaremos de parte essas asquerosas cartas, que se dirigiam a S. M. a imperatriz: muito acima está ella da imprensa, para que uma só palavra possamos dizer a seu respeito a não ser para agradecermos ao céu tao valioso presente, felicitarmos a nação pela ventura, que goza: mas para que trazer á discussão outras pessoas, que devem estar fóra da discussão? Para que, quando se trata de objectos puramente politicos, ir buscar as influencias dos criados de S. M.? Ignoramos até que ponto este ou aquelle criado se tenha comprometido em negociações politicas; queremos mesmo acreditar, que nem-um delles tem sahido tanto da orbita de suas attribuições; mas para que falsar o systema e chamal-os á discussão?

E todavia nós sabemos para que. A facção quer ter occasião de devassar a casa imperial, e fallar della; começa por isso a tecer elogios; depois virão as censuras. A facção quer fazer com o Sr. D. Pedro II. o mesmo que em outro tempo fizeram alguns de seus chefes com o Sr. D. Pedro I.: é necessario preparar os caminhos para depois com mais segurança poder espalhar essas calumnias, que desacreditam os monarchas, e lhes fazem perder o amor de seus subditos. A facção nisso é consequente com os seus principios e seus fins: derribar a monarchia, conseguir o poder com ella e sem ella: empregar toda a especie de meios, por mais immoraes e reprovados que sejam. O que lhe custa a ella uma calumnia? e o que lhe importa que a calumnia seja contra um individuo da mais infima classe social, ou contra um da primeira, mesmo o

chefe da nação? A' facção tudo serve, com tanto que lhe sirva para seus fins.

Esta a razão por que ella não tem duvida procurar ligar-se com pessoas, que nem-uma ingerencia devem ter na politica do Estado. Conhecemos, que a ninguem é vedado expender suas ideias ao monarcha, se lh'as este quer ouvir, e mesmo obrigação ha-de o fazer, se elle o exige: mas a lei fundamental estatuiu certos e determinados individuos e classes, a quem incumbiu a administração publica, e a sua direcção; aquelles que sem titulo legitimo querem empregar-se em tal, só devem caminhar pelos meios permittidos. Ora, a facção não ignora isto: mas seus fins exigem, que proceda de diverso modo, e de diverso modo procede. O Sr. D. Pedro II. é hoje muito estinado dos Brasileiros: os aziagos dias da minoridade estão muito presentes; os exemplos estranhos nos fazem estar de olhos abertos; mas os Brasileiros facilmente esquecem o mal, que soffreram: como todos os habitadores dos paizes quentes sentem mais as impressões do momento; e uma calumnia facilmente lavra. Depois vem o arrependimento mas é tarde. E quem ousará empenhar discussão sobre o monarcha e seus actos? Nós por certo que nao: e ahi está a facção só em campo, á sua vontade. E terá estabelecido o precedente: terá acostumado o publico a vêr figurar nas discussões politicas a casa do monarcha: e por isso não parecerá estranho ou novidade.

*Tyneo danaos, et dona ferentes.* Quando vemos a facção procurar liga com a casa imperial receiamos muito pelo futuro. Mas cuidamos que esses que são procurados se não deixarão illudir.

#### O IMPOSTO SOBRE AS TERRAS.

Em um paiz, onde ha abundancia de trabalhadores, ou antes, onde ha trabalhadores livres, é facil a cada possuidor de terras pôr em cultivo e por consequencia em rendimento todas as que tiver; e se o nao fizer por si pôde fazel-o por outrem, dando essas terras de renda, pois em taes paizes ha moito quem por esse modo as queira cultivar. Nesses paizes é pois facilima a imposição sobre as terras: a questão que cumpre examinar, é se a lavoura pôde ou não com a contribuição; se a lavoura pôde, pôde o lavrador: um certo numero pois de braças quadradas pôde em caso affirmativo soffrer um imposto de tanto. Nos paizes onde o cultivo é feito por escravos, o caso é muito differente: o lavrador não cultiva a terra que quer, mas a que pôde, aquella para que tem braços: se quer mais, não acha com quem trabalhar; não só lhe é preciso o emprego de um capital mais grande, como muitas vezes nem mesmo tendo o capital, poderá ter os braços, e sobre tudo quando a importação desses braços estiver prohibida, como está hoje entre nós.

Não queremos dizer, que se nao introduzam Africanos por contrabando: cuidamos que sim: mas faltam as feiras publicas, onde todos se abas-

teciam; hoje além do risco e crime, em que incorre o comprador de um negro novo, ha tambem a necessidade de o comprar occultamente, e de o conduzir occultamente, e de occulto o conservar por muito tempo.

Supponhamos pois que por qualquer acaso, uma epidemia, por exemplo, perde um lavrador 20 ou 30 escravos (supponmos não ser excessiva a hypothese) como se refará dessa perda? como achará logo 12 ou 18 contos de réis para comprar braços em substituição? e esses braços por ventura estão logo em estado de trabalhar?

Estas considerações, que ahi pôde fazer qualquer, fazem que no Brasil seja mui difficil a contribuição territorial. Lavrador ahi ha, que com meia legua de terra pôde ter muitos contos de réis de rendimento, em quanto outro com muitas leguas pôde quasi não ter rendimentos.

Aquelles pois que pedem a contribuição directa, não sabem o que pedem. Como serão avaliadas as rendas de cada um?

E ainda o estado de nossas vias de communicação concorre para provar o que levamos dito. Em Inglaterra, por exemplo, são tão pequenos os gastos dos transportes, que as distancias influem muito pouco no valor dos productos, e por consequencia nos rendimentos. A taxa pois para um logar de uma provincia pôde ser applicavel a toda ella. Mas no Brasil as cousas variam muito: no mesmo municipio ha differença de valores nos mesmos productos: uma arroba de café não tem o mesmo valor em Cantagallo, ou ahi em Itaguahy. O lavrador por que trabalha com certo numero de escravos, calcula-se que deve colher certo numero de arrobas; mas um não tem o mesmo rendimento, que outro.

Ha ainda muitas outras differenças entre um paiz novo, onde está em principio o que existe, e onde faltam ainda muitas cousas, para um paiz onde tudo já está no ultimo grão de perfeição. Querer applicar a um as theorias applicadas ou applicaveis a outro, é utopia, cujos resultados devem ser funestissimos, e a experiencia o tem mostrado. Pôde haver lingua-gem universal, costumes universaes; mas legislação universal, não pôde ser. Cada paiz tem necessidades proprias, peculiares de sua posição e natureza: carece pois de leis apropriadas.

Em finanças só um systema ha, que se poderia tornar universal; é o systema turco: ao menos mereceu os encomios do Sr. Hollanda, e se o dizemos é fiado em sua autoridade. Se não for verdade, e se alguém por isso nos quizer tomar satisfações, será mesmo ao Sr. Hollanda, que recorreremos para que nos defenda. E' cavalleiro, e não permittirá que sejamos insultados por seguir as suas opiniões.

#### PANACÉA.

Pretende a facção sobir ao poder, e para nos fascinar, e ganhar opinião publica em seu favor, nos faz promessas as mais brillantes. Se as cumprisse,

em muito pouco tempo veriamos nada menos que extinguida nossa divida publica, e por toda a parte restabelecida a ordem, a paz, a tranquillidade publica. Se cumprisse a facção suas promessas, no dia, em que subisse ao poder, renasceria o equilibrio entre a despeza e a receita, desapparecendo por milagre o grande deficit de nossas finanças; a facção diria: haja dinheiro; e o dinheiro havia de apparecer mais depressa do que appareceu a luz á voz do Eterno, quando ordenou a sua creação. Estas promessas quem as não ouviu nos discursos da facção, quem não as lê nos seus orgãos pela imprensa?

E todavia a facção não pôde cumprir uma só palavra do que promette. Seus chefes, esses que assim nos fallam já estiveram no poder, ou em muito immediato contacto com o poder: e nem um só bem fizeram ao paiz. E' o Sr. Hollanda, que, ministro do Sr. D. Pedro I, tem sido accusado de ter entrada nas reuniões occultas, em que se preparava o sete de abril! crime horroroso, e que para sempre o devia ter afastado da scena publica; é o Sr. Vergueiro, que regente nada fez, e que ministro fez menos ainda: é o Sr. Vergueiro, de quem seus amigos os mais parciais nunca poderam occultar, que não tem genio administrativo, que apenas serve como orador na tribuna: é o Sr. Paula e Sousa, para quem ainda não houve governo, que prestasse, com quanto no governo tenham estado os seus amigos mais intimos, aquelles com quem sempre tem vivido em communhão politica. E se até agora nada fizeram, o que farão hoje? que cauções nos dão, de que estão emendados?

E que principios levariam ao poder os nobres senadores? O Sr. Vergueiro é accusado pela voz publica de ter querido que se pozessem as tripas ao sol ao Sr. Vasconcellos, e de ter sido visto no grupo, que lhe quebrou as vidraças em julho de 1840. O Sr. Hollanda em politica é partidista dos movimentos generosos, em finanças quer o systema turco, em administração quer que o ministro vá á porta do contribuinte, dispensando-se assim os collectores. O Sr. Paula e Sousa mimosear-nos-ia logo com a contribuição directa da mesma maneira que em Inglaterra fez Peel, cuja lei porem e trabalhos a respeito ainda não leu. Na realidade esses tres homens são dignos do ministerio.

Nem ao menos um projecto importante apresentado por qualquer desses Srs. ou seus amigos? Algumas leis que temos, a interpretação do acto adicional, a reforma do codigo do processo, a lei que creou o concelho d'estado, todas aquellas em fim, que tem alguma importancia, tem partido do outro lado.

#### OS DOUS MELIANTES.

Eram uma vez dous meliantes, e ambos pozeram seus olhos em um objecto, que desde logo olharam como boa preza, deixando a divisao para depois da colheita. E' preciso que vamos, disse um: mas se formos ambos causaremos desconfiança. Neste caso vá cada qual por seu lado, que á final lá nos ajuntaremos. O leitor que applique o conto.